

Melissa Cody

Céus tramados

Textos da Exposição
em fonte ampliada
PORTUGUÊS



Patrocinador
Master

NU

Lefosse

Patrocinador

Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

MASP

MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

TEXTO CURATORIAL

Melissa Cody (No Water Mesa, Arizona, Nação Navajo, Estados Unidos, 1983) trabalha com tecelagem, mesclando símbolos e padrões tradicionais da tapeçaria navajo com referências que vão do universo pop dos videogames às paisagens de sua terra natal no Arizona. Os Navajo - também conhecidos como Diné - são o povo indígena que vive na região sudoeste dos Estados Unidos, abrangendo os estados do Arizona, Nova México e Utah. Na visão de mundo navajo, a tecelagem é uma tecnologia ensinada pela figura sagrada de Na'ashjéii Asdzáá, a Mulher-Aranha. Herdeira desse conhecimento ancestral, Cody faz parte da quarta geração de artistas têxteis de sua família.

Ao longo da história, a tecelagem navajo teve seus símbolos, cores, materiais e técnicas influenciados pelos intercâmbios culturais e pelas explorações comerciais, assim como por processos de migrações forçadas. Pelo uso de padrões e cores vibrantes, os trabalhos de Cody são associados ao movimento Germantown Revival, que surgiu após o trágico episódio conhecido como a “Longa Caminhada” (1863-68). Com o intuito de expulsar o povo navajo de seu território, militares queimaram suas casas e mataram seus rebanhos de ovelha, forçando-os a caminhar do Arizona para o Novo México, aprisionando-o em um campo militar em uma documentada tentativa de genocídio. Nesse processo, as tecelãs criaram estratégias para continuar

trabalhando, desafiando os cobertores dados pelos militares e usando seus fios na tecelagens. A incorporação desse tipo de lã comercial com cores vibrantes, produzida em Germantown, na Pensilvânia, abriu novos horizontes de experimentação em meio a uma situação de confinamento, tornando-se fundamental para a resistência cultural navajo.

O título dessa mostra partiu de um trabalho de Cody intitulado *Under Cover Of Webbed Skies* [Sob o manto de céus tramados] (2021), que aborda a história da tecelagem navajo, seu território ancestral e a transmissão geracional dos conhecimentos da Mulher-Aranha. O céu é um elemento comum a todos os territórios, transcendendo fronteiras geográficas e políticas. Como um

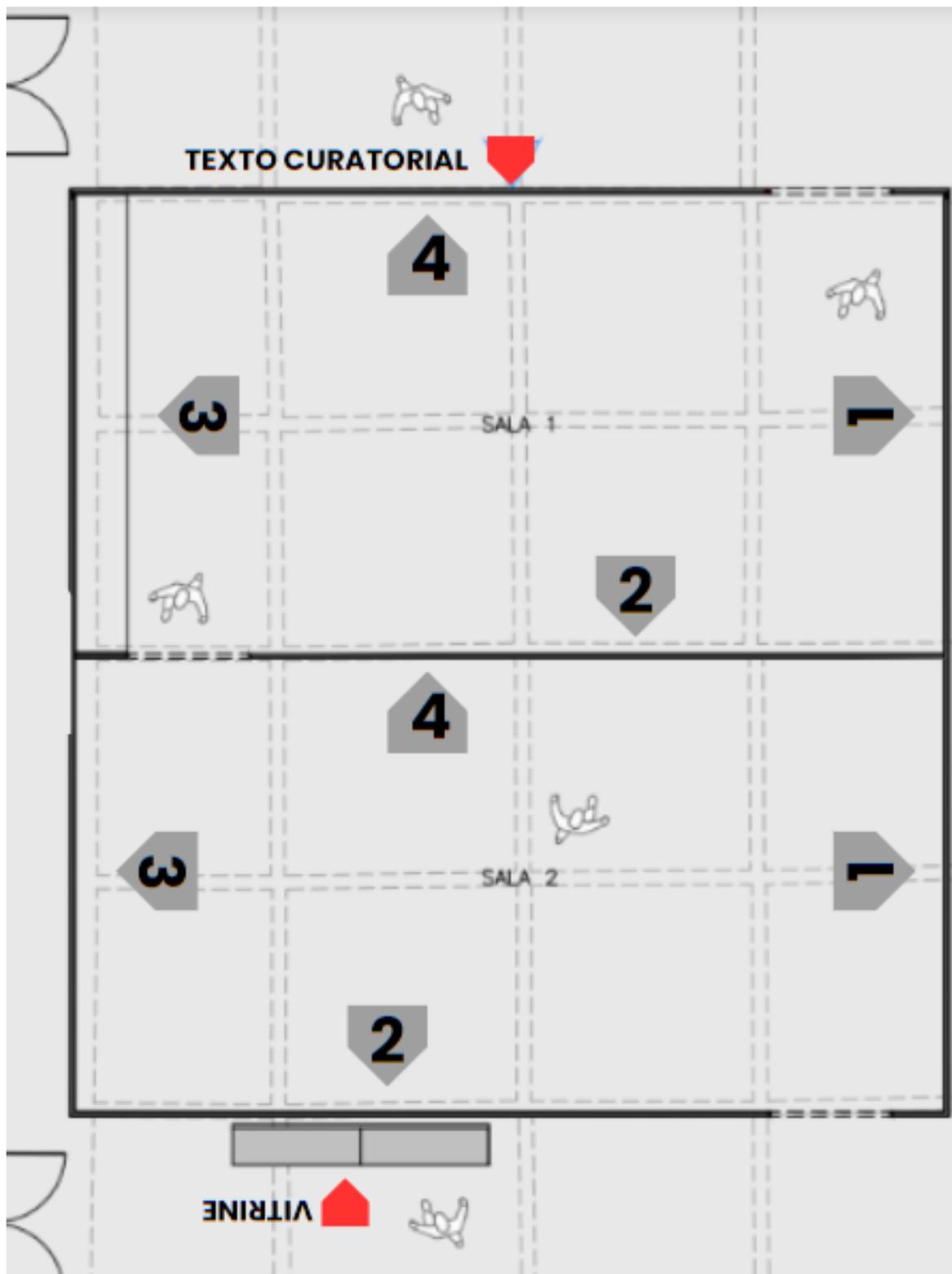
grande manto azul que paira sobre todos os seres, os céus tramados de Cody se estenderiam para além do território navajo, conectando diferentes narrativas e sujeitos na criação e na reivindicação de memória e histórias, de fazeres e saberes.

Melissa Cody: céus tramados é curada por Isabela Rjeille, curadora, MASP, e Ruba Katrib, curadora e diretora de Assuntos Curatoriais, MoMa PS1.

A mostra de Melissa Cody integra o ano de programação do MASP dedicado às *Histórias Indígenas*, que inclui exposições de Sheroanawe Hakiihiwe, Movimento de Artistas Huni Kuin (Mahku), Carmézia Emiliano, Paul Gaguin (1848-1903), do

Comodato MASP Landmann de arte
pré-colombiana, além da mostra coletiva
Histórias Indígenas.

Mapa do espaço expositivo



SALA 1 - PAREDE 1



1. *Untitled* [Sem título], 2022

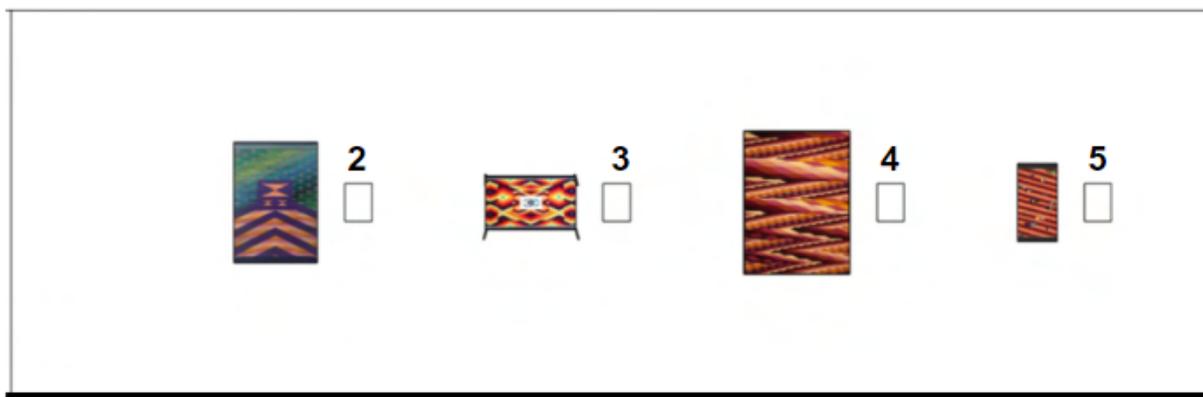
Urdidura em lã, trama, borda de cordões e corantes de anilina

Coleção Ashton Alexander e John Kline,
New Castle, Delaware, Estados Unidos

A sobreposição e justaposição de planos com diferentes padrões são características da produção de Melissa Cody. Por meio do uso engenhoso das cores, a artista explora as distintas sensações que elas podem provocar em nosso olhar - seja a ilusão de

profundidade ou a sensação de movimento. Em *Untitled*, a artista estabelece diversos diálogos cromáticos entre os padrões e os planos da tapeçaria, como janelas que se abrem em uma tela de computador. Um grande plano chapado em verde se sobressai e traz sobre si uma estrutura gráfica que remete a uma árvore genealógica, com quadrados concêntricos de cores diferentes. Relações genealógicas, assim como referências do universo orgânico, são frequentes na produção de Cody. Cada linhagem de “bulbos” desta árvore apresenta uma vibração cromática única, a qual alude às particularidades da passagem das gerações no processo de continuidade da vida.

SALA 1 - PAREDE 2



2. *Under cover of Webbed Skies* [Sob o manto de céus tramados], 2021

Urdidura em lã, trama, borda de cordões e corantes de anilina

Cortesia da artista e Garth Greenan

Gallery, Long Beach, California e Nova York, Estados Unidos

Nesse trabalho, Cody conjuga a história da tecelagem navajo, seu território ancestral e a transmissão geracional dos conhecimentos de tecelagem da Mulher Aranha. Dividido em dois planos, como uma paisagem, na parte

superior da obra vemos o céu azul-esverdeado e, na parte inferior, a terra, representada por forma triangulares. No centro, há três “ampulhetas” - um dos símbolos da Mulher Aranha. Ao se repetir como um padrão, esse símbolo remete a uma teia que enreda o céu nesta obra. As três ampulhetas fazem referência a Cody e à geração de tecelões que virão depois dela. A artista posiciona as ampulhetas no topo das formas triangulares, que simbolizam uma das montanhas sagradas de seu território ancestral. Na cosmovisão navajo, a Mulher Aranha habita o cume dessa montanha, o que reforça o vínculo entre a prática artística e o território.

3. *Spider Woman Greet the Dawn* [A Mulher Aranha saúda a aurora], 2013

Camada tripla de lã tingida com anilina
Coleção Keet D'Arms, Atlanta, Georgia,
Estados Unidos

A tecelagem foi ensinada ao povo Navajo pela figura sagrada da Mulher Aranha, que, durante o alvorecer, desceu dos céus em meio às montanhas do território navajo e transmitiu às mulheres o seu conhecimento. *Spider Woman Greet the Dawn* é uma referência direta a essa história. O cume da montanha é representado pela ilusão de tridimensionalidade causada pela sobreposição de planos com o padrão de “diamantes serrilhados”, conhecido como *eyedazzler* (deslumbramento ótico). Esse padrão surgiu

na tapeçaria navajo no final do século XIX, com a incorporação de lã Germatown, tingida com anilina, e é frequente em diversas obras da artista. Nesse trabalho, Cody justapõe tons alaranjados, vermelhos e pretos, simulando o amanhecer. A imagem de uma aranha no centro desses planos sobrepostos transmite a sensação de que estamos observando a partir de uma vista aérea, do topo da montanha.

4. *Cliff Dweller* [Habitante do penhasco],
2017

Camada tripla de lã tingida com
tingimento manual

Coleção Miriam Weeks Schulman, Pacific
Palisades, California, Estados Unidos

Na produção de Cody, são frequentes as referências à paisagem de No Water Mesa, território onde ela nasceu e cresceu, na reserva Navajo Nation, estado do Arizona. No Water Mesa localiza-se em uma região conhecida como “deserto pintado”, dada a variação de tons de vermelho e roxo das rochas que formam seus cânions e mesas. Essa paleta de cores pode ser vista em *Cliff Dweller*, obra na qual, por meio do uso de losangos de diferentes tamanhos e cores, Cody cria um zigue-zague que alude ao movimento das águas que correm por entre as rochas no período de chuvas em Grand Falls, também no Arizona. Os minerais presentes na areia entram em contato com a água, tornando-a marrom, como um achocolatado. A água, que corre pelos

cânions, torna ainda mais evidente a qualidade pictórica da região.

5. *Dreamscape* [Paisagem de sonho], 2016

Urdidura em lã, trama, borda de cordões e corantes de anilina

Cortesia da artista e Garth Greenan

Gallery, Long Beach, California e Nova York, Estados Unidos

Em *Dreamscape*, Cody se utiliza da paleta de vermelhos dos cânions e rochas de seu território de origem, no estado do Arizona, para criar um padrão homogêneo que funciona como um fundo, sobre o qual formas quadradas e retangulares, como os pixels de um computador, parecem pairar. Processos relacionados aos sonhos e às nossas funções

neuroológicas são temas recorrentes na produção da artista, que desenvolveu uma série de trabalhos sobre a função neurotransmissor dopamina em nosso corpo. Nesta obra, as formas remetem a pixels parecem estar desconectadas, tanto entre si quanto de seu fundo, como as imagens de um sonho, que inicialmente parecem não ter sentido, mas, em um segundo momento, é possível decifrá-las.

SALA 1 - PAREDE 3



6. *The Three Rivers* [Os três rios], 2021

Melissa Cody

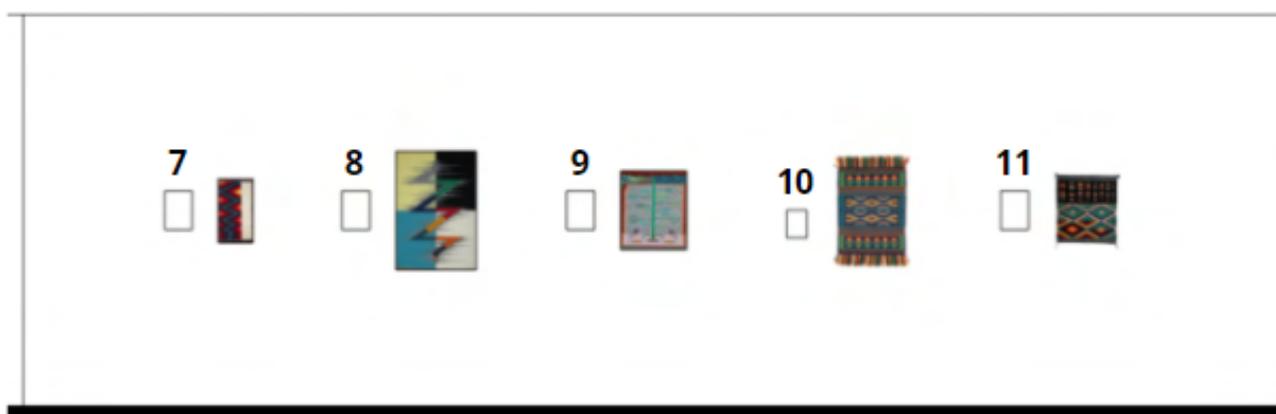
Urdidura em lã, trama, borda de cordões e corantes de anilina

Coleção de Shah Garg, Atherton,
California, Estados Unidos

Produzida durante a pandemia da Covid-19, *The Three Rivers* é uma obra monumental, dividida em quatro partes, na qual a artista traduz a sua experiência. A parte de baixo é formada por uma moldura bem estruturada por padrões geométricos, como uma janela. Na base dessa janela, vemos dois *whirling logs* [troncos que giram], símbolos sagrados navajo de harmonia e equilíbrio. De dentro da janela, é possível visualizar formas assimétricas e cores contrastantes, aludindo ao caos inicial causado pela pandemia. Por sua vez, as duas partes do meio da

composição, com formas espelhadas entre si, indicam um momento de transição, quando seria possível controlar o vírus e evitar sua disseminação. No topo da obra, vemos novamente uma janela bem estruturada com o símbolo da ampulheta da Mulher Aranha ao centro, pairando tranquilamente sob sua teia e revelando um mundo novamente equilibrado, pós-pandêmico.

SALA 1 - PAREDE 4



7. *Lightning Storm* [Tempestade de raios], 2012

Camada tripla de lã tingida com anilina
Coleção Charlene M. & William E.
Woodcock Family Trust, Berkeley,
California, Estados Unidos

Nesta obra, Cody traduz a experiência de estar diante de uma tempestade de raios: a presença de um zigue-zague serpenteando pelo céu e o clarão que surge na sequência, representado pela faixa branca do lado direito. O padrão de diamantes serrilhados - conhecido como *eye-dazzler* (deslumbramento ótico) - , frequente em diversas obras da artista, cria um efeito luminoso que destaca o raio azulado que corta o plano de cima para baixo. Os raios

são um símbolo recorrente na cultura visual navajo e também estão ligados à história da Mulher Aranha, figura sagrada que ensinou às mulheres a arte da tecelagem. No tradicional tear navajo, as linhas da urdidura representam a força do trovão, que liga o céu e a terra - um esquema do tear e de sua simbologia está presente na vitrine ao final desta exposição.

8. *Path of the Snake* [Caminho da cobra],
2013

Camada tripla de lã tingida com anilina
Coleção Suzanne e Walter G. Riedel III,
Orange, Texas, Estados Unidos

Em *Path of the Snake*, uma cobra estilizada atravessa um fundo geométrico formado por

quatro planos de cores chapadas: amarelo, preto, azul e branco. A cobra é considerada tabu na cultura diné/ navajo, por vezes, simbolizando maus-agouros. As cores escolhidas por Cody para este fundo geométrico representam as quatro montanhas sagradas de Dinétah, território sagrado diné, assim como seus pontos cardinais correspondentes: o branco é o leste; o azul, o sul; o amarelo, o oeste; e o preto é o norte. Nesta obra, o animal transita livremente entre esses planos divididos de forma rigorosa, espelhando algumas de suas cores e borrando seus limites com as linhas acinzentadas que irradiam horizontalmente de seu corpo, como um rastro, o que confere movimento à composição como um todo.

9. *Navajo Three of Life* [Árvore da vida navajo], 2011

Corantes vegetais, camada tripla de lã tingida com anilina

Coleção Kevin e Jan Cody, Flagstaff, Arizona, Estados Unidos

A árvore da vida é uma iconografia tradicional da tapeçaria navajo. Essa representação está associada à transformação e à conexão entre a natureza, o povo Navajo e o universo.

Neste trabalho, Cody mistura lãs com tingimento vegetal e com anilina, criando a própria releitura da referida iconografia. No centro, a árvore sagrada é representada por um pé de milho estilizado, que, ao crescer, rompe a moldura que tradicionalmente acompanha essa iconografia. O milho tem

suas raízes fincadas em uma cestaria de casamento, objeto sagrado que remete ao nascimento. Ao lado da cesta, repousam dois pássaros - animais que conectam o céu e a terra, o material e o espiritual. Ao romper a moldura, o topo da árvore entra em contato com o vento e com o céu, espalhando seu pólen pelos cosmos - representado por losangos coloridos - e perpetuando a criação e a renovação.

10. *Egyptian Fields* [Campos egípcios], circa 2011

Camada tripla de lã tingida com anilina
Coleção Kevin e Jan Cody, Flagstaff,
Arizona, Estados Unidos

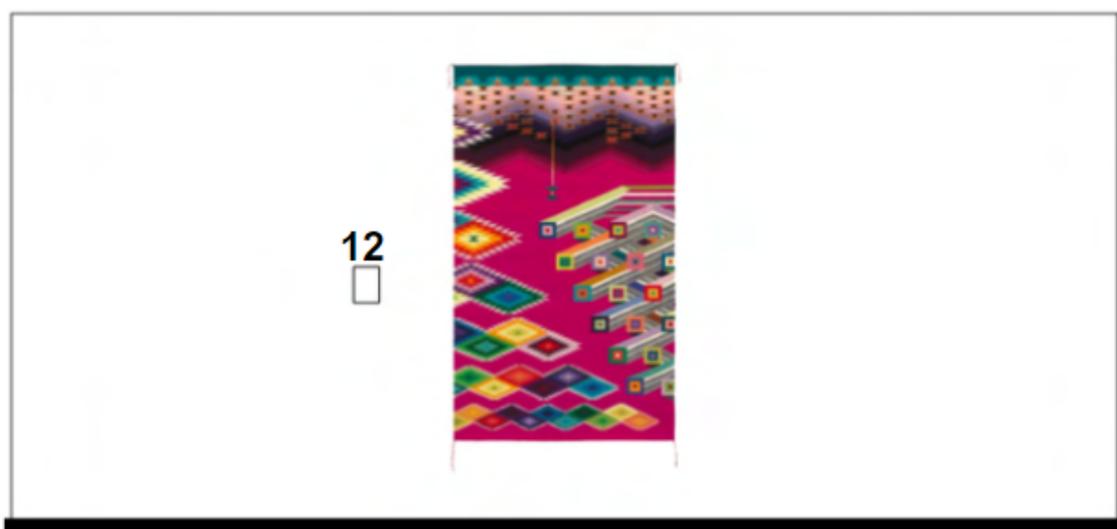
11. *Germantown Sampler* [Amostra de Germantown], 2011

Camada tripla de lã tingida com anilina
Coleção Kenneth e Anita Baldwin,
Sherman, Texas, Estados Unidos

Na tapeçaria navajo, a cor, os padrões, os símbolos e os materiais guardam significados com os quais Cody tece novas narrativas diante do tear. Em *Germantown Sampler*, a tradicional forma do diamante serrilhado - conhecida como *eye-dazzler* (deslumbramento ótico) - tem seus tons suaves de verde, azul e rosa gradualmente substituídos por cores vibrantes como o vermelho, o laranja e o marrom. Essa “invasão” cromática é uma referência à incorporação das lãs comerciais de

Germantown, tingidas com anilina, que passaram a ser usadas durante o trágico episódio de migração forçada e aprisionamento do povo Navajo, conhecido como a Longa Caminhada (1863-1868). Há também uma “invasão” de linhas pretas e cinzas, que criam um efeito *glitch* [erro] sobre o padrão tradicional, acrescentando assim mais uma camada a esta história: a influência do universo digital na produção têxtil de Cody.

SALA 2 - PAREDE 1



12. *Into the Depths, She Rappels* [Nas profundezas, ela faz rapel], 2023

Urdidura em lã, trama, borda de cordões e corantes de anilina

Coleção Gochman Family, Miami, Estados Unidos

SALA 2 - PAREDE 2



13. *Photographic Memory* [Memória fotográfica], 2010

Camada tripla de lã tingida com anilina

Coleção Miles e Kimberly MacGregor, Los Angeles, Estados Unidos

14. *Coagulation* [Coagulação], 2010

Camada tripla de lã tingida com anilina
Coleção Wanesia Spry e Fritz Casuse,
Phoenix, Arizona, Estados Unidos

15. *Dopamine Regression* [Regressão de
dopamina], 2010

Urdidura em lã, trama, borda de cordões e
corantes de anilina

Cortesia de artista e Garth Greenan
Gallery, Long Beach, California e Nova
York, Estados Unidos

Neste conjunto de trabalhos, Cody se utiliza de símbolos e padrões tradicionais da tapeçaria navajo, como a cruz (+) - um dos símbolos que representam a Mulher Aranha - e o padrão de diamantes serrilhados, para

abordar o impacto que o diagnóstico de mal de Parkinson de seu pai teve sobre ela e sobre sua família. A dopamina é o neurotransmissor que leva informações do cérebro para várias partes do corpo e é responsável por sensações de prazer e pela memória; o mal de Parkinson causa a perda gradual desse neurotransmissor. Em *Dopamine Regression*, padrões e simetrias são quebrados pela sobreposição de cores e símbolos - com isso, Cody se utiliza de negativos e positivos para criar áreas de conflito e equilíbrio na composição. A cruz vermelha alude tanto à Mulher Aranha quanto ao símbolo utilizado por socorristas e médicos. Por outro lado, em *Coagulation*, uma mancha vermelha invade o fundo geométrico, aludindo à doença como uma

invasão no corpo humano. As cruces brancas, que se desprendem do topo da obra em direção à sua base, simulam a medicação que entra gradualmente na corrente sanguínea. Por fim, em *Photographic Memory*. Cody desalinha os padrões dos diamantes serrilhados e substitui suas cores por preto e branco, em uma referência ao desequilíbrio e à perda de memória causados pelo Parkinson.

16. *Pocketful of Rainbows* [Bolso cheio de arco-íris], 2019

SALA 2 - PAREDE 3



17. *Home* [Lar]

Camada tripla de lã tingida com anilina
 Coleção Adam & Melissa Gianotti, Nova
 York, Estados Unidos

18. *Us Lust Dust* [Nós Desejo Dust], 2013

Urdidura em lã, trama, borda de cordões e
 corantes de anilina

Cortesia da artista e Garth Greenan
 Gallery, Long Beach, California e Nova
 York, Estados Unidos

19. *Sweet Lovable... You* [Você... meu doce amor], 2016

Camada tripla de lã tingida com anilina
Coleção Alain & David Macklovitch, Long
Angeles, Estados Unidos

As três obras reunidas aqui foram produzidas após a perda repentina do companheiro de Melissa Cody, Josua Prince, conhecido profissionalmente como Dust La Rock, em 2013, e acompanharam o processo de luto vivido pela artista. Nessas obras, Cody misturou a palavra com os vibrantes padrões *eye-dazzler*, em um cruzamento de referências visuais tradicionais da tapeçaria navajo com sua história pessoal. Em *Us Lust Dust*, a artista cria um poema a partir das

letras do apelido de seu companheiro, Dust, e as palavras *Us* (“nós”) e *Lust* (“desejo”). Ao lermos no sentido vertical, é possível vermos as palavras *loved* (“amado”) e *trust* (“confiança”) cercando uma coluna de *us* (“nós”). Na obra *Home*, Cody escreve de forma codificada, as coordenadas da casa onde ela e o companheiro viviam em Los Angeles. Por fim, em *Sweet Lovable... You*, a artista reproduziu um trecho da música “Invisible Tears” [Lágrimas invisíveis], escrita por Dean Martin (1917-1995), que aborda a permanência da memória de uma pessoa amada: “Lágrima invisíveis em meus olhos / Dor incrível em meu peito / Memórias indestrutíveis em revisão / Por mais impossíveis que fiquem as coisas / Improvável que eu esquecerei / Memórias

indestrutíveis / Memórias incomparáveis/
 Memórias indispensáveis do meu doce e
 amado... você”.

SALA 2 - PAREDE 4



20. *White Out* [Branquinho], 2012

Camada tripla de lã tingida com anilina
 Coleção Steven e Eileen Yazzle, Denver,
 Colorado, Estados Unidos

Em *White Out*, Cody aborda sua formação de tecelã e seu papel dentro de uma história milenar. Realizada na época em que a artista

iniciava seus estudos no Institute of America Indian Arts, em Santa Fé, Novo México, Cody sentia então que sua produção era uma espécie de “intrusão” em uma história “tradicional” da tapeçaria navajo, mas que possuía seu lugar dentro dessa história e que lhe cabia reclamá-lo. Nesta obra, a artista inseriu duas áreas em branco sobre um fundo com padrão *eye-dazzler*, característico da tapeçaria navajo desde o fim do século XIX. As áreas em branco dialogam entre si, mas não com o fundo, o que as torna impossíveis de se ignorar. O branco, sobreposto à padronagem colorida, evoca ao mesmo tempo uma ideia de apagamento e de abertura para algo novo, ainda que inserido em uma história mais ampla.

21. Navajo Transcendent [Navajo transcendente], 2014

Camada tripla de lã, tingida com anilina
Coleção de Miguel Montgomery, Los Angeles, Estados Unidos

No centro de *Navajo Transcendent*, há um *whirling log* (tronco que gira), símbolo navajo milenar associado às quatro montanhas sagradas que circundam o território navajo. Após a Segunda Guerra Mundial, este símbolo passou a ser confundido com uma suástica, fazendo-o desaparecer das tapeçarias navajo comercializadas nos Estados Unidos para evitar associações equivocadas com o nazismo. Símbolos similares podem ser encontrados em diversas culturas milenares – dos celtas aos budistas,

gregos, hindus etc. – e entre outros povos indígenas das Américas, como o povo Hopi, nos EUA, e o povo Kuna Yala, no Panamá. Nesta peça, um símbolo comumente representado por um desenho plano ganha volume, aludindo a um rompimento com a limitação da própria mídia, ao saltar em direção ao espectador. Seu título também convoca a superação de categorias impostas por não indígenas que reduzem e limitam a complexidade da arte navajo.

22. *Navajo Whirling Log* [Tronco que gira navajo], 2019

Fios de camada tingidos com anilina, fios variados de lã mesclada tingida à mão

Coleção de Antonio Mejia, Pomona,
California, Estados Unidos

Em *Navajo Whirling Log*, Cody mescla dois símbolos sagrados da cultura navajo: o *whirling log* (tronco que gira) e a *Spider Woman Cross* (cruz da Mulher Aranha) sob um fundo *eye-dazzler* (deslumbramento ótico). O *whirling log* é um símbolo milenar e aparece em diversos rituais de cura. Esse símbolo desapareceu das tecelagens comercializadas durante a Segunda Guerra Mundial, para evitar associações equivocadas com a suástica nazista. Para Cody e uma geração de artistas navajo, o resgate deste símbolo sagrado e sua correta contextualização são de extrema importância para a preservação de sua cultura para as

próximas gerações. Por sua vez, o símbolo da cruz (+) é um dos mais antigos encontrados nas tapeçarias, aparecendo com frequência para lembrar as tecelãs da sabedoria e dos ensinamentos da Mulher Aranha.

23. *I Afh Navajo Barbie* [Eu sou uma Barbie Navajo],

Camada tripla de lã tingida com anilina
Cortesia da artista e Garth Greenan
Gallery, Long Beach, California e Nova
York, Estados Unidos

Melissa Cody cresceu entre o território Navajo, no Arizona, e o sul da Califórnia. A artista se define como uma “criança dos anos

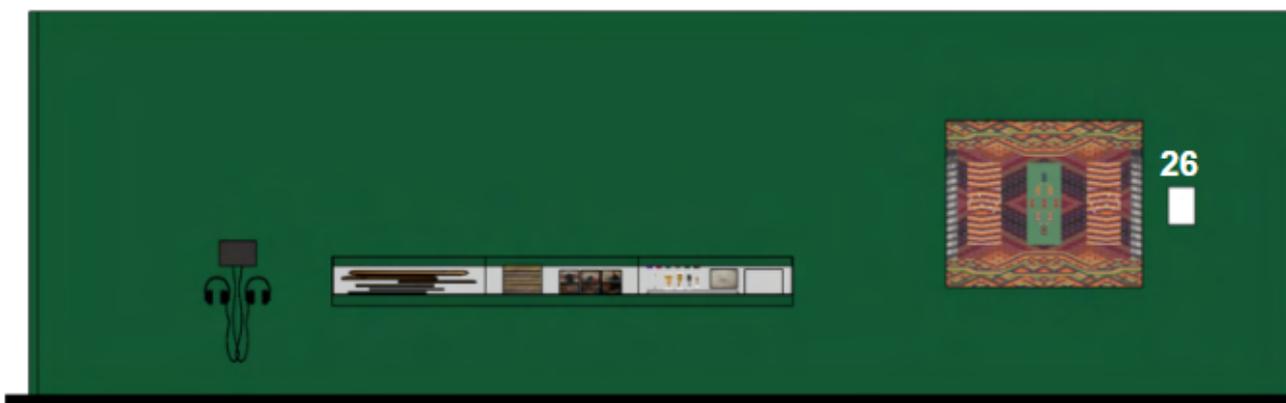
1980”, tendo vivido tanto a cultura tradicional navajo quanto a cultura pop estadunidense, com a popularização dos videogames e dos computadores. Em *I Am Navajo Barbie*, Cody mistura elementos históricos da tapeçaria navajo – como o *whirling log* (tronco que gira) e a representação da figura sagrada *Ye’ii* – com uma estética e referências do mundo pop. A frase “eu sou uma Barbie Navajo” reclama a sua identidade em meio a uma cultura estadunidense que não produz representações com as quais crianças navajo pudessem se identificar. Entre as palavras, vemos um *Ye’ii*, que segura duas penas. Seu corpo é formado por um longo arco-íris, uma referência direta aos *Holy People*, seres sagrados que transitam entre o mundo

espiritual e o terrestre, promovendo harmonia e proteção.

24. *Native American Art Magazine*, 2019

Camada tripla de lã tingida com anilina
Cortesia da artista e Garth Greenan
Gallery, Long Beach, California e Nova
York, Estados Unidos

PAREDE DE SAÍDA



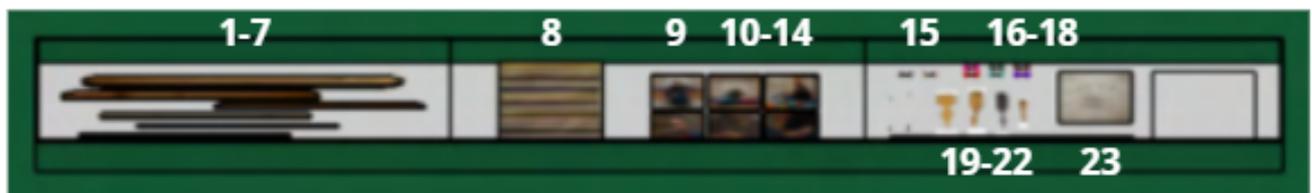
**25. *Dopafhine Dreafh* [Sonho de dopamina],
2023**

Melissa Cody

Tapeçaria de lã Jacquard, franja de lã tingida com anilina

Cortesia da artista e Garth Greenan
Gallery Long Beach, California e Nova York, Estados Unidos

VITRINE DE OBJETOS



1-7. Bastões

Madeira

Coleção da artista, Long Beach,
California, Estados Unidos

8. *Banded Blanket* [Cobertor listrado]

Lã tingida com corante vegetal

Coleção Alfred e Lola Cody, Flagstaff,
Arizona, Estados Unidos

9. Melissa Cody fiando lã com um tradicional
fuso de gota Navajo

impressão inkjet sobre papel

Cortesia Graham Nystrom

10-14. Melissa Cody trabalhando em seu
ateliê

Impressão inkjet sobre papel

Cortesia Graham Nystrom

15. Amostras de lã crua

16. Amostras de lã tingida com anilina

17-18. Agulhas de acabamento

Aço inoxidável

Coleção da artista, Long Beach,
California, Estados Unidos

19-22. Pentas

Madeira

Coleção da artista, Long Beach,
California, Estados Unidos

23. Esquema de um tear navajo vertical

Tecelagem: tecnologia ancestral

Na cosmovisão navajo, o tear é a representação do universo: a barra superior representa o céu, e a inferior, a terra. A tensão que sustenta os fios é simbolizada pelo trovão, que, por sua vez, estabelece uma conexão entre os mundos celeste e o terrestre. A arte da tecelagem foi ensinada ao povo Navajo pela figura sagrada da Mulher Aranha; por sua vez, o tear foi construído pelo Homem Aranha, seu parceiro. As tecelãs são responsáveis por agregar beleza ao mundo e promover o equilíbrio (*hózhó*) entre o espiritual e o terreno. Essa prática, além de expressar a visão de cada artista, é em si mesma uma forma de pensamento e construção

de mundos, uma vez que cada desenho é concebido diretamente no tear.

Nesta vitrine estão reunidos alguns dos materiais e ferramentas de Melissa Cody, bem como registros de seu processo.

Os pentes são usados para pressionar o fio de lã contra a urdidura, e os bastões criam tensão entre eles, enquanto as liças separam a urdidura para a passagem da trama. Presente nesta vitrine está também o primeiro tecido produzido pela artista, aos 5 anos de idade, a partir das sobras de linhas de sua mãe. Os tons suaves deste tecido se devem ao tingimento com pigmentos naturais, e a composição em listras é característica do processo de aprendizagem.